

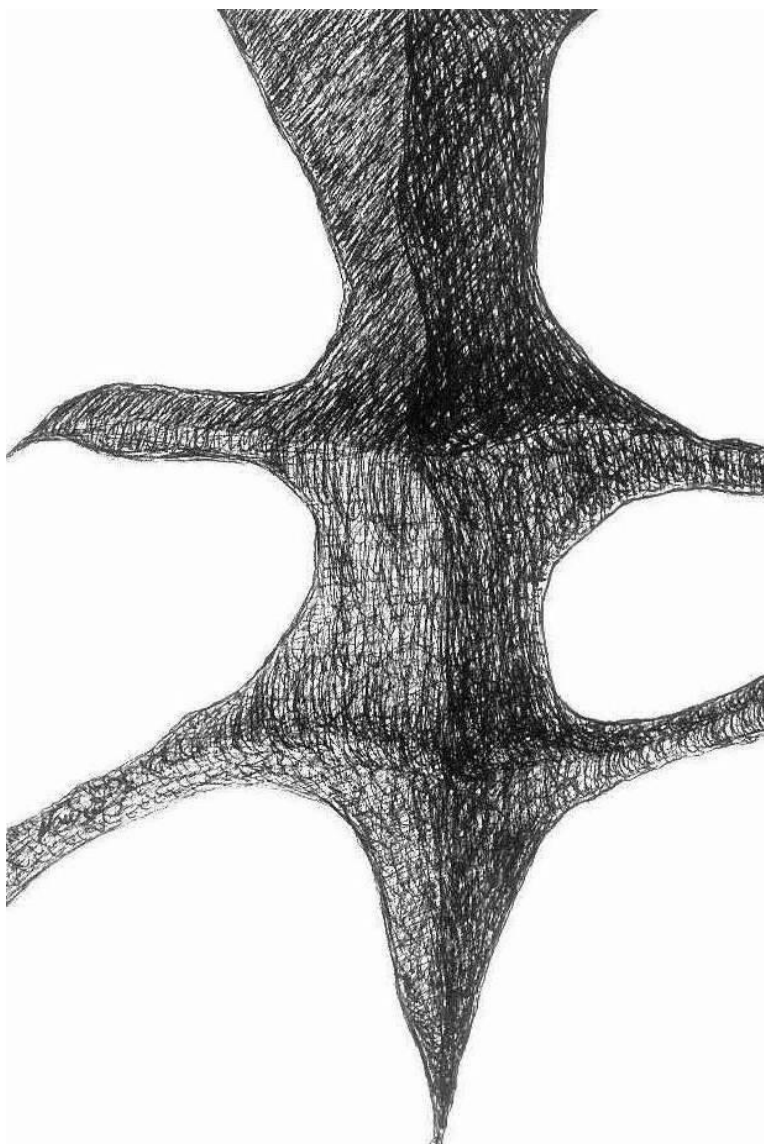


Oito poetas brasileiros contemporâneos

Luci Collinⁱ (UFPR)

Apresentação: Caros leitores, apresentamos aqui uma pequena antologia que reúne oito poetas de oito lugares diferentes do Brasil. Cada qual com seu estilo e temáticas próprias, nos presenteia com seu cantar a apreensão do fenômeno poético. São oito vozes ao mesmo tempo impactantes e sutilíssimas que vêm a reafirmar a multiplicidade, a intensidade e, sobretudo, a qualidade da produção literária atual do nosso País. Oito poetas, tanta poesia. E nunca estivemos sós.

Ilustrações: MAURO SCARAMUZZA FILHOⁱⁱ



ANDRÉIA CARVALHO GAVITA***ÁGUA RASA**

plongée:

a cesta de frutas

sua digestão de cera na colmeia do zoom

poderia pintar

azul da prússia e amarelo sião,

os frutos alinhados:

soldadinhos de chumbo entre budas de bamiyan

poliglota,

não sabia

o pincel batizaria a moldura de uma ceia santa,

doze signos em comunhão

cromática

eremita,

não sabia

com a face contorcida de visões

rasgava o linho cru

da mordança sobre os dentes

e sigilava o alvoroço de uma outra horta

criando raiz

letra sobre letra

uma árvore nova

edificada sobre a renda branca
e seu vinho farto de luz
uma árvore de rosas gigantes
abocanhadas de nuvens
suas imensas gargantas
desdenhando a fome no umbigo
acrílico
do mundo
uma árvore estilhaçada

[De *Grimório de Gavita*]

EFEITO JAULA

basílica tundra
coração nefelibata
intocado pela vulgaridade
dos mercados

medita o escuro do quarto
com olhos de ticiano

fora, a irradiação temperada
agulhas de ouro cozidas em azul tinto
dentro, a música ofídica
da igreja inabalada

acende a vela frente ao corpo
seu espelho, deus único
pode ver quem fita sua nuca
no halo ao redor do pavio
sua cerca elétrica

iluminado de si
 alcança o absoluto
 do prisma

[De *Grimório de Gavita*]

A MULHER DO RÁDIO

uma garganta humana
 grita a fronteira pantanosa
 de um rosto dissecado no silêncio

isótopos de vento
 circulam a árvore de fios
 do corpo
 a mulher está sobre a ponte
 a mulher talvez pule

corrosiva cabeça, quando salta
 a primeira página
 do jornal:
 a mulher abre suas asas
 de açafraão

talvez a mulher apenas sonhe
 com o universo antiético das pinturas barrocas,
 com uma cantiga de ninar
 no pescoço torneado
 das ampolas

[De *Grimório de Gavita*]

KARI'BOCA

o oceano lambe-se como um gato
 do mato

meus ossos de navio
trocam a floresta
por um espelho mercante

mil indígenas assoviam
dentro das vértebras
evangelizadas

finjo-me especiaria
de pó finíssimo
estátua de colorau

o canto tribal das ondas
aprende o idioma
dos marinheiros

deixo que me cortem a língua
de pajé

cauterizo o choro titânico
nas águas falantes
que cobriam a terra
antes dos mapas

a maré vermelha bebe meu nome

[De *papel leopHardo*]

AMAZONA FLÁCIDA

meu unicórnio: faço o que quiser com ele.

eu o planto na dicção dos lamentos
faço de suas patas delicadas
meu órgão de barbárie
pisoteando o pasto como um bode
expiatório
eu o lembro nos tios, os 3
eu o lembro no pai, o primeiro
no doentio noel, no albino professor de linguística
e no frade das primeiras descobertas escatológicas,
nos ameaçando com a torre dos sinos
penso-o em são sebastião
pingando suas cachoeiras corpóreas
no mar de dedaleiras

todos ósseos e escapando pela frente dos moluscos

e, rainha de uma noite fálica
flecha de pequenas alturas
com a agulha de morfina
no eixo da musculatura lisa
enfio o chifre da iluminura
no coração dos reis

não é o amigo imaginário
que me incita
é o diabo
o pobre-diabo
sem crina, sem cauda

sem caduceu
apenas um crime ereto na projeção do crânio
partido
cavalgando a mágica proibida
de um bestiário
empoeirado

[De *papel leopHardo*]

LOBOS, TEMPORAIS

tentam me ensinar a correta
leitura do tarô
tentam me sabotar
a astrologia interior
socam-me um deus
ensanguentado e plácido
na embolia gasosa dos cardumes

mas o meu altar é a costa litorânea
pela pestana de uma catadora de pérolas
encarando as folhas,
os arcanos e o falso planetário
como crosta cuspida pelo oceano
em colapso de alga e lava

como um cristo andrógino e criogênico
na periculosidade
das iguarias marinhas
levito a cachalote leviatã
afundando a nadadeira
no corpo sábio do miserável
plâncton

que a tudo dissolve
que a tudo crê

em minha roda da fortuna
quem substancia o barulho dos peixes
alimentando-se no leite profundo
é a mãe água luminescente,
o pai estrela de cinco pontas,
a irmandade irisada em meu cordão
umbilical

minha memória de escamas
arrasta a ilha de líricos
hipocampos
férteis
caídos
esquecidos & siderais

[De *papel leopHardo*]

ESCORPIÃO E ECLIPSE

Impacto deserto é a estrela do dia na retícula eloquente da pestilência interior. Se ela sobe, a peste das flores febres, ativada por víscera rancorosa, a mulher-ferrão indaga ao lago dos humores:

A que brilho de fórceps a lua seta apontaria, com seus cornos de anjo que nunca me cairá?

E para si mesma responde, manancial de águas pluviais:

Lagoas paradas, braços de raízes, farpas de erudição. Se te perseguirem a sombra até os confins do mundo, seja verdadeira. Crescente de contorno azulado. Lágrima seca fosfórica. Face dourada de tempo ilusório.

A velha de dentro é imortal, enquanto o universo agoniza ao respirar. Corcova ao peso de séculos.

Nada me corteja que não seja a luz listrada sob a areia ereta que aceita sua força movediça.

[De *Panfletos de Pavônia*]

***Andréia Carvalho Gavita** - poeta nascida em agosto de 1973, no interior do Paraná. Estudou Ciências Biológicas e Produção Multimídia. Reside em Curitiba (PR), onde trabalha na área da saúde (farmácia hospitalar). Integra o corpo editorial das revistas digitais de literatura "Zunái" e "mallarmagens" e participa do Coletivo Marianas. É autora dos livros *A cortesã do infinito transparente* (Editora Lumme, 2011), *Camafeu Escarlate* (Editora Lumme, 2012), *Grimório de Gavita* (*Maça de Vidro Edições* / Editora Lumme, 2014), *papel leopardo* (Bolsa Nacional do Livro - Marianas Edições, 2016) e *Panfletos de Pavônia* (Leonella Editorial, 2017). *Cílios Prostíbulos*, seu sexto livro, será publicado em 2018 pela Editora Patuá.



CASÉ LONTRA MARQUES

COM MÃOS ESTRANGEIRAS

Com mãos estrangeiras,
disseminar dissensos dentro da dor;
com mãos
improváveis (porque
quase desfeitas): disseminar
dissensos
até atingir o outro
lado da dor
— independente
do movimento.

[De *O som das coisas se descolando*]

UM ROSTO NASCE EM TORNO DA VOZ

Um rosto nasce em torno da voz,
embrulho que atiro
na areia
ou levo até a água (que lanço da janela ou arrasto
pela
calçada); este é o rosto que atrai a cidade,
os tentáculos
da cidade — aprimorando, sem
se satisfazer, os primeiros
impactos
da manhã. (Da manhã: desfiada
sobre
o asfalto?) Você fala: você suspende
o oceano
(e não só a surdez; você
suspende
o oceano) movendo o maxilar.

[De *O que se cala não nos cura*]

NOMEAR OS SONS NA DISSOLUÇÃO

Nomear os sons na dissolução
conserva
um pouco das sílabas ofensivamente estendidas

ao
espanto

inicial?

quase esqueço

o

que responder — enquanto nos arrastam —

até

o fundo

das retinas:

sustentando (pânico após pânico)

a

fabricação da apoteose

— minto —

da

metamorfose

corporal

[De Enquanto perder for habitar com exatidão]

POR QUE ESTAS PALAVRAS ATIRADAS À SUPERFÍCIE DA FALA?

Por que estas palavras atiradas à superfície da fala?

uma

ave — talvez água — ávida:

concedemos à sonolência

dos

seres

de sono escasso

o rumor

de uma memória em que

o medo,

a areia, o êxtase,

a sede,

o palco compõem

a ponte

para

outro

descompasso.

[De *Movo as mãos queimadas sob a água*]

SOU O CORPO QUE FAZ SOMBRA SOBRE O HOMEM QUE MORRE

Sou o corpo que faz sombra sobre o homem que morre,

o homem não emudecido?

Sou o corpo que o conclui, no momento

de sua extinção;

sou o corpo que o conclui, apesar

de incapaz

de alcançar sua precisão?

Saberei seguir o eco que nos contorna, no topo
de uma noite
instalada nas tēmporas?

Recusarei, ainda que jamais persistente,
o que descrevemos
como esquecimento receando, no entanto,
assimilar
sua lucidez?

Recusarei a raiva — quase nomeada —
que o sono
— quando refeito — sequer empalideceu?
Poderei repousar
no chão de sua asfixia?

Como delinear
seu incêndio, dedilhar sua hora?

Como preparar
a manhã para uma morte já remota?

[De *Saber o sol do esquecimento*]

NÃO ACOMPANHAMOS A QUEBRA

Não acompanhamos a quebra; mas
(quase
mancando) carregamos o deserto

nos dentes — a perda

— neste
campo — será mais que paisagem:

dedicamos o cotidiano
ao canto

que colhemos nos ecos

de um caos

agora debulhado
sem
o menor cuidad

[De *A densidade do céu sobre a demolição*]

DURANTE O VIBRAR DAS NARINAS

Durante o vibrar das narinas, adivinho pelo tato
o hálito salpicado
no pescoço; a ponta da pupila, tão atenta

quanto um cacto, desmonta o sol de novo simulado
na dispensa da distração. Aquele inseto

por enquanto concreto alcançará em breve
o cristal
da abstração. Mantenho a voz sempre

à vista, silenciando sílabas ao sabor
da saliva; o suor, perturbadoramente espesso, prorroga

o percurso pela medula. Um mover

de asas basta para

clarear

o pânico instalado

no pulmão

como uma falta

exposta. Multiplicaremos

o tempo

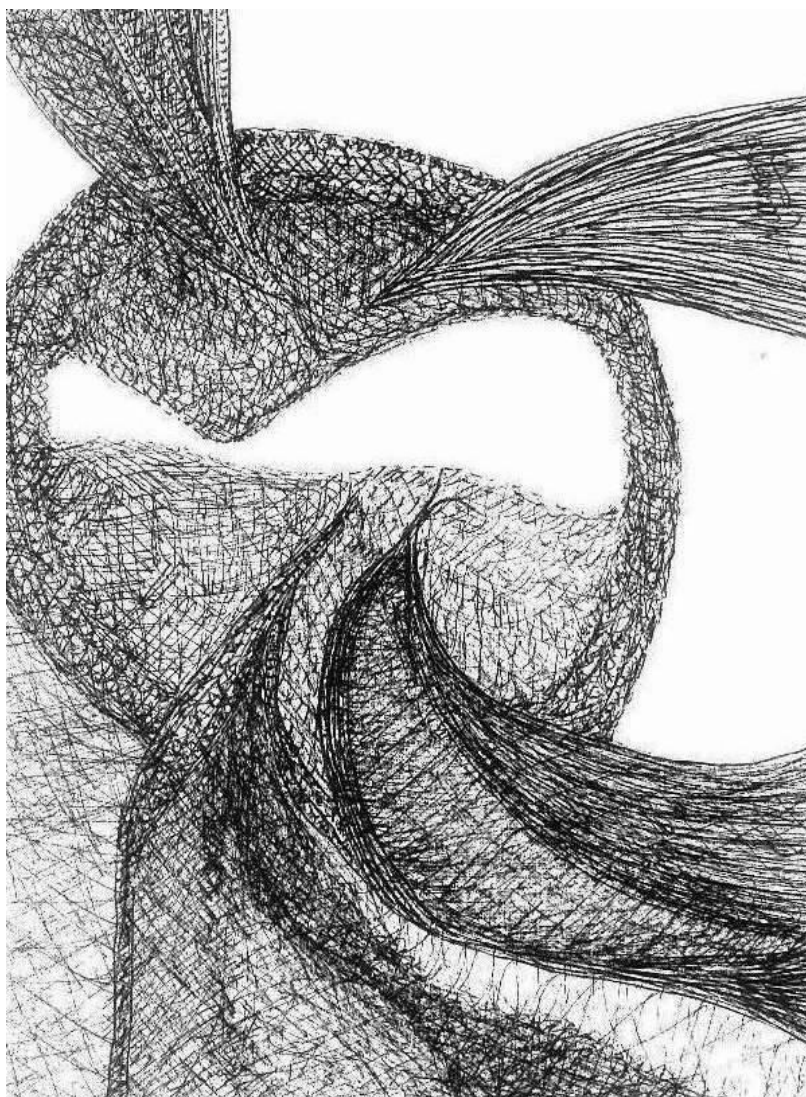
com violentas maneiras

de inventar

a mesma palavra.

[De *Mares inacabados*]

***Casé Lontra Marques** nasceu em 1985, em Volta Redonda (RJ). Mora em Vitória (ES). Publicou *O som das coisas se descolando* (Aves de Água, 2017), *O que se cala não nos cura* (Aves de Água, 2017), *Enquanto perder for habitar com exatidão* (Secult/ES, 2015), *Indícios do dia* (CCSP, 2014), *Movo as mãos queimadas sob a água* (Multifoco, 2011), *Saber o sol do esquecimento* (Aves de Água, 2010), *A densidade do céu sobre a demolição* (Confraria do Vento, 2009), *Campo de ampliação* (Lumme Editor, 2009) e *Mares inacabados* (Flor & Cultura, 2008).



ADRIANA ZAPPAROLI***O DRAGÃO DE KOMODO**

*estado de conservação vulnerável o varanus sauropsida — homem
fêmea que olhava o ornitorrinco laranja com receio-macho: uma besta, o amor
e seus carinhos.*

dragões são dóceis... homens. o dragão endêmico da ilha de flores e tão lagarto e tão emboscada e tão estado selvagem. a postura de ovos fêmeas-machos-homens

— são 60 dentes serrilhados que mudam para miúdos centímetros de comprimento.

sua saliva manchada de sangue e uma língua amarela-bifurcada. foi observado assustando cervas-homens grávidas com a intenção de que estas abortem os restos do feto-macho...

homens-fêmeas-machos... e em pé sobre as suas patas traseiras tendem a emboscadas-fêmeas, arrancando grandes pedaços de carne de suas presas-fêmeas-homens-machos,

tragando-lhes inteiras enquanto seguram o cadáver...

homens-fêmeas... a saliva vermelha lubrifica a comida, batendo o cadáver contra a árvore para forçá-lo a descer pela garganta-fêmea,

e regurgita uma massa de cornos-machos-homens, cabelo-fêmea e dentes cobertos de uma mucosidade malcheirosa: fêmeas-machos em uma bola gástrica...

— e com receio roça a cara na estranha aparência, o homem-fêmea, desse mamífero macho-ovíparo, venenoso-homem,

com focinho em forma de bico de pato-fêmea, cauda de castor-homem e patas-machos alaranjadas...

fêmea-homem que as usa para propulsar-se, para manobrar na água-homem, em medo-cisma esquisito-homem-fêmea...

porque o temor tem os olhos negros e as patas alaranjadas... e o amor é macho-fêmea-homem... feito uma besta de carinho e amor homem-fêmea. macho.

[em *O dragão de Komodo*]

***Adriana Zapparoli** é pesquisadora na Universidade Estadual de Campinas. Como escritora possui mais de quinze plaquetes poéticas publicadas no Brasil e no Exterior. Atualmente é editora e proprietária da Leonella Ateliê (Campinas, São Paulo) uma empresa voltada para arte com foco na publicação de poesia contemporânea experimental em diferentes formatos e em pequenas tiragens.



FLÁVIO DE ARAÚJO*

HOMEM CONSERTANDO REDE

[para meu pai]

Homem consertando rede

agulha na mão

rede pendurada no prego.

Homem consertando rede

pensa na importância do remendo

imagina que tipo de peixe fugiria

por aquele buraco.

Homem consertando rede
conserta seu mundo.

Homem sério

enche a agulha com linha vermelha
com total habilidade
espanta o borrachudo
cospe o náilon mascado
dá palpites sobre o tempo que tanto acertava.
Ainda é respeitado quando fala que chove
quando fala que vai ventar.

Homem consertando rede
não resmunga a vida
malha pela falta de peixe
os grandes barcos de arrasto.

Homem consertando rede
conta histórias de pescador
com tamanha sinceridade
que nem parece pescador.

Homem consertando rede
parece homem feliz, distante
vai medindo a braçadas seu silêncio,
sua vontade de viver.

Homem consertando rede
e somente agora, para mim,
meu pai é apenas um homem
que conserta sua rede.

ENQUANTO AS CRIANÇAS DORMEM

Havia medo detrás da porta
mas não há mais.

As crianças dormem
sobre lençóis de linho.

O rangido das cremonas
e o mundo sem luz alguma das lâmpadas
são como dias de vento
balançando as árvores.

Jamais na vida o medo irá tirar
o momento dos sonhos, não agora.

A sombra do triciclo sem rodas
projeta um velho de cócoras
a contar talvez a própria estória.

O amanhã baterá na janela
e os móveis terão nitidez.

Uma sombra se esconderá
debaixo do tapete cinza.

Outra, dentro da chaleira.

Os parentes sacudindo os esqueletos,
o milho sendo jogado às aves.

Depois, rodeadas à mesa
as meninas impressionando a todos,
contando os sonhos
que não sonharam.

QUINHÃO

À mesa, como num tribunal
sob o juízo de nossa mãe
disputávamos, com fervor,
os melhores pedaços
da magra galinha.

As irmãs menores,
cada qual com suas asas,
balbuciavam qualquer coisa
de bom
voando entre os dentes.

O impasse era sempre
com as coxas.
Duas
para três admiradores.

Fora o confronto
tomei predileção
por peitos.

O que Freud explicaria
com a teoria das perdas.

AS CRENÇAS INFANTIS

Eu era menino como todos foram ou são
e sob as barras do manto
de Santa Tereza Justafé fui criado

- mudo de opinião.

Menino descozido de crenças
mas tradicionalmente religioso
(rezava aves e pais).

Trocava a água das flores
rosas brancas e encarnadas contrastavam
com o local lúgubre
onde o ranço de velas impregnava
as fotografias dos enfermos.
Tudo naquela casa se prostrava
aos pés de porcelana queimada
de Santa Tereza Justafé.

Vó Coralina antes de deixar morrer
o símbolo majesto
da matriarca que era,
tinha por desejo supremo
ser enterrada com a santa

- e foi.

Naquela mesma noite
arrebentaram-me a boca
pois como esperavam o consentimento
de um menino-anjo
achei que seria muito justo
que os mortos fossem enterrados
com seus mortos.

BILHETE SOBRE A CAMA

Eu vou
não me siga
eu creio na vida
tive felicidade
amores muito pouco.

Vou em silêncio
como quem não incomoda.
Vou sem rodeios
como o trem que não espera.

O que tive devolve
reparte
barganha.

O que fiz esqueça
relembre
perdoe.

O que fui diga aos outros
que tentei ser melhor.

Eu vou
não me siga
eu creio na vida
tive felicidade
amores muito pouco
cuida do cão.

Não se mate em saudades,
com você fica meu abraço
fica minha saliva em tua boca
o que sinto é que não posso ficar.

Eu vou
não me siga
eu creio na vida
tive felicidade
amores muito pouco
cuida do cão.

MULHER AMARGA SEGUINDO CORTEJO

De terço nas mãos e alma compungida
renega o deus que roubou o marido
enforcando as contas de madrepérula.
Reprime o céu belo em azul infinito.
Roga que sobre o resto de seus dias
a monção violeta de trevas cubra a noite
feito manto de lamento.
O caminhar contido como o andar servil
de uma pagadora de promessas.
Andarilha que nega a remissão da paga
pois não é fé de romeira
mas descabelo de louca.
O olhar infeccionado, ardil em pus,
putrefaz quem o encara.
Dela fogem todas as raças de cães
a uivar desembestados.
Segue sem pestanejar

como se não restassem caminhos
mas a precisão dos passos.
É notório o choro que balbucia pequeno.
Prestam-lhe pêsames e se condoem
pelo fatídico episódio de dor
porém não há quem não afirme,
em silêncio,
a sua preferência pelo morto.

O HOMEM QUE PRENDEU A ESTRELA

Com as têmporas repletas de incertezas
e de andar inexato
segue trôpego
o homem com um colar de estrela nas mãos.

Quando voava com as asas dos beijos
e o coração feito um mineral singular de beleza,
de cantar fácil
e que via o riso em tudo
não enrodelhava nas mãos o colar
feito algema dos iludidos caminhos da vida.

O colar como um pêndulo
trespassado pelo longo fixar
de seus olhos
de cor já alterada.

Padece.

E pelo arfar expelido comunga sua tristeza em tudo

que o rodeia.

Pouco importa o mar e seus domínios.

Mira o colar,

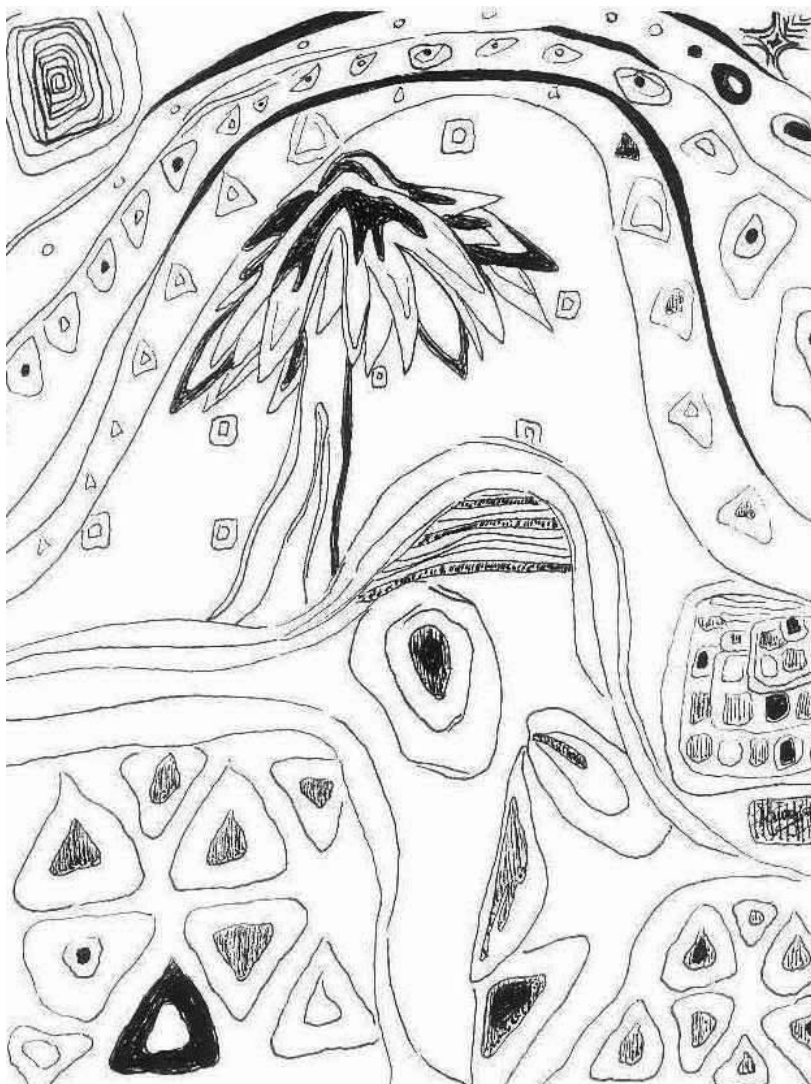
logo prende a estrela,

por entre seus dedos

de céu.

[Todos os poemas são de *Zangareio*]

***Flávio de Araújo** - Poeta e escritor, filho de caiçaras nativos da comunidade da Praia do Sono (Paraty/RJ). Lançou seu primeiro livro, *Zangareio* pela Editora Selo OFF FLIP. Têm poemas vertidos para o inglês e espanhol, publicados em sites, revistas, entre elas Washington Square Review, Guernica Magazine, Germina, Algo A Dizer, Jornal de Poesia etc.



MARTA EUGÊNIA DE OLIVEIRA*

ENTRE A FLOR E O ESPINHO

Não sou eu que crio os versos,
não invento poesias,
é a poesia que se inventa pra mim,
atormenta meus ouvidos e anuncia

seu corpo móvel no papel,
me manda recados,
diz que eu preciso é de ócio
em nome de minha paz.
E o pão de cada dia que devo percorrer
me enche de angústia e ansiedade.
E a poesia me vence,
perco a hora, não participo dos ritos,
ganho sermões maternos.
E quando choro, me agradam
com conselhos do mundo capital.
Invento remorsos para não magoar os meus.
As tarefas me cobram cuidados,
o mundo pede cuidados.
Mas é a poesia quem cuida de mim.

CERTAS COISAS NA JANELA

Meu pai, homem de poucas palavras,
possuía uma certa ingenuidade cabocla,
mas nós víamos bússola em seus olhos.
Lembro-me de suas risadas quando pra ele eu lia
sobre um auto e uma compadecida.
Depois, nos lembrávamos de nossa terra.
Histórias de João cambão da Costela do Cão
que passava na rua e a criançada gritava em refrão:
'João cambão, Costela do Cão,
trocou a mulher por um pedaço de pão'.
Certas coisas sempre voltam quando abro a janela.

UMA NOITE DESSAS

Meus filhos dormem como se nunca
tivessem “errado”.
Então, na porta do quarto recai
sobre mim um verso bem alimentado
e capaz de grandes feitos...
Oh, o amor tem as faces rosadas
de tanto pinote,
pula os muros porque é moleque
e compreende as possibilidades de uma flor
em pleno campo minado.
Não suporto sozinha dores tão bonitas...
Por isso me valho dos versos
para salvar a minha pele de qualquer noite
do dia que passa por dentro
da minha história comum.

PASSAGEM DE IDA

O Nordeste foi pra São Paulo
levou a boneca de pano, a colcha de retalhos
e um bocado de suor...
Brincou de “bem-me-quer”,
separou tantas Marias de tantos Josés
na chuva da multidão...
O asfalto é mais forte que o coração,
o asfalto que sustenta o medo do sol,
o peso dos prédios,
o peso das pontes e a lonjura das almas
atravessando juntas as avenidas enormes,

onde o horizonte é o engarrafamento.

DEGRADÉ

A claridade especifica os objetos
do mundo,
suas formas vão ressurgindo,
olhos meninos de susto contente
desvendando a caixa do brinquedo
que vai começar a existir.
As células não reinventam
seus poderes de expansão?
Por tantas vezes antigas e noviças,
os versos se acendem assim...
Um calor arrecada a minha pele,
determina a voz do manto,
esse momento.
Desmancho paisagens frias, perniciosas,
adentro em raios das cerebrinas...
Invento outra vez o que já tive:
Meu pai mal acordado catando sol no quintal,
minha mãe tranquila agindo um café,
o cheiro de pão dando leste à cozinha.
Tudo em claro poema pródigo
esbanjando o meu amor.

AFONIA

O chão frio recebe os meus pés
e eu nem tenho uma garganta agora...

O que não sei além do horizonte
debruça os olhos sobre mim.
Algumas saudades nunca vão emagrecer...
Seus chinelos largados no meio da sala,
sem liturgia
é parte dessas lembranças.
Pro sono profundo de todos ela já foi dormir
e nem pôde levar seus chinelos...
O que fazer das coisas acordadas que ela me deixou?
E é nessa hora da vida que o medo de mim se aproxima
e uma inapetência pra raios de sol;
a lua esplêndida de mingüência, de suas vestes eu aprendi.

Eu preciso obedecer à poesia,
ofegante e sem pestanejar
do mesmo modo de minha infância
a correr pelas calçadas
pra chegar depressa com o pacote de pão.

SOBREMESA

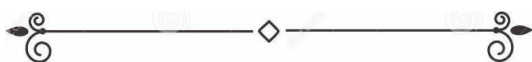
Um homem abria a janela
por motivos de sol
Crianças gritavam nas bordas da rua
por motivos de brincadeira
A mulher espalhava pratos na mesa
por motivos de alimento.
E eu como um doce com calda
por motivos de memória.

ARRANJO DE MARGARIDAS

Não, não posso deixar para trás
 os passarinhos do mundo,
 as borboletas batendo a vida nas asas
 sobrevoando o chão inerte.
 Os olhos amarelos das margaridas
 espiam-me atentos...
 A brancura das pétalas
 que simulam um redondo sorriso,
 parece adivinhar os versos,
 onde o instante é o cais...
 Debruçam enfim, as palavras na janela,
 em espelhos olhando pra mim
 e a promessa comprida do dia
 de que me haverá a manhã.

[Todos os poemas são de

***Marta Eugênia** Vim para Arapiraca aos seis anos (nasci na Bahia), trabalho como professora de português e literatura em escolas estaduais e sou especialista em linguística. Mas a Literatura é meu lugar favorito por isso escolhi fomentar a poética nas salas de aula.



GERALDO OLIVEIRA NETO*

PRAÇA SETE

éramos complexos e enfumaçados

alugávamos mapas astrais nas praças
por qualquer trocado formavam-se rodas
filas indianas e finlandesas vozes multiplicadas
em muitas consoantes enquanto assobiávamos
sem culpa alguma; copos d'água
na maioria das vezes mastigar piscas-piscas
em pleno meio-dia ao invés de recitar poemas
era um colorido muito mais sincero do que cinza
confundíamos espelhos com outros dez espelhos
cilada desesperada para hipnotizar cachorros e moscas
certamente nascia errada mais uma forma irônica
de arrecadar dores dólares olhares e cigarros
jogados num chapéu entretanto suficiente
para alimentar em casa nosso jardim
de plantas carnívoras

DIVA TRASH

você
e suas drogas exóticas
fazendo as mesmas caras
e bocas dando pinta
de gótica-trevosa
tipo rainha Elvira
numa velha mansão
em Fallwell

"mirror mirror
on the wall
who's the most
drop dead gorgeous
one of all"

já fizemos isso
 diante deste mesmo
 espelho quando fingíamos
 ser parentes próximos
 e vestíamos parábolas
 para além
 destes quartos

sejam sensatos
 ali do outro lado
 belezas imediatas
 cansam rápido
 e são facilmente
 dizimadas por meia
 dúzia de Medusas
 (que curiosamente menstruam em perfeita sincronia)

SALTIMBANCOS

o encantador de serpentes em mim cospe enquanto seus répteis barítonos assobiam
 em coro “my chérie amour” a cartomante avisa – garota já faz mais de mês que você
 anda com uma elefanta na barriga o atirador de facas acerta quem estava com o
 molho de chaves das jaulas de três tigres tristes tibetanos o canhão embala à lua o ex-
 marido da trapezista míope (que tinha um caso com a mulher barbada) convidam o
 equilibrista de pratos para um casamento grego macacos recitam Maiakovski sob a
 corda bamba a contorcionista búlgara aprimora a técnica do quadradinho de oito (no
 improviso) o poeta traduz pro sânscrito a frágil matemática das roletas-russas a
 família de motociclistas abandona o globo da morte por motivos fascistas

o circo esvazia
 ao lado da máquina
 de algodão doce
 jaz a placa:

FALTAM PALHAÇOS

ROTA 66

deixamos Los Angeles
com as pernas entre os rabos
os que lá ficaram
queriam esmagar nossos crânios
tentávamos ser mais fortes
que dramáticos

sob a tutela de setenta
anjos histéricos
caminhávamos estradas
como se engolidos
por sedentas serpentes

altivo, à colina
tudo via o condor daltônico

sob o viaduto (em itálico)
um singelo letreiro
latejava

*"ninguém é totalmente feliz,
só de bermuda e cânhamo"*

TRÊS PEDRAS DE GELO NO WHISKY

acorda pela manhã e ainda está vivo

a pele que habita já não te consola
não houvesse o espelho
importaria menos com rugas
algumas coisas foram feitas para sorver
todo resto é música a ser decantada
esculpe o vento a não desejar nada
além do próximo cigarro elétrico
assume sua impotência perante montanhas
e a fragilidade do sistema bancário
busca explicação nas cores da natureza
sem abrir mão do escuro dos teus óculos
acredita piamente no próximo
a tiracolo trazes um bélico arsenal de desconfianças
nunca visitou Manhattan ainda assim vislumbra o Central Park
através de filmes dublados
na falta das narinas respira pela boca
(tua maior inimiga)
só entende amor e a poesia
ao dissolver três pedras
de gelo no whisky

FERIDA

não tenho a certeza das pedras
meus pecados ultrapassam qualquer proteção dos totens
e ave-marias, dos excessos amontoam-se castigos
fajutos disfarces do ego raptando recomeços
inquieta num destes dias nublados
pedi resgate ao medo
dos dez amputei dois dedos
encontrei além da perda uma ferida áspera
a espera de reparo

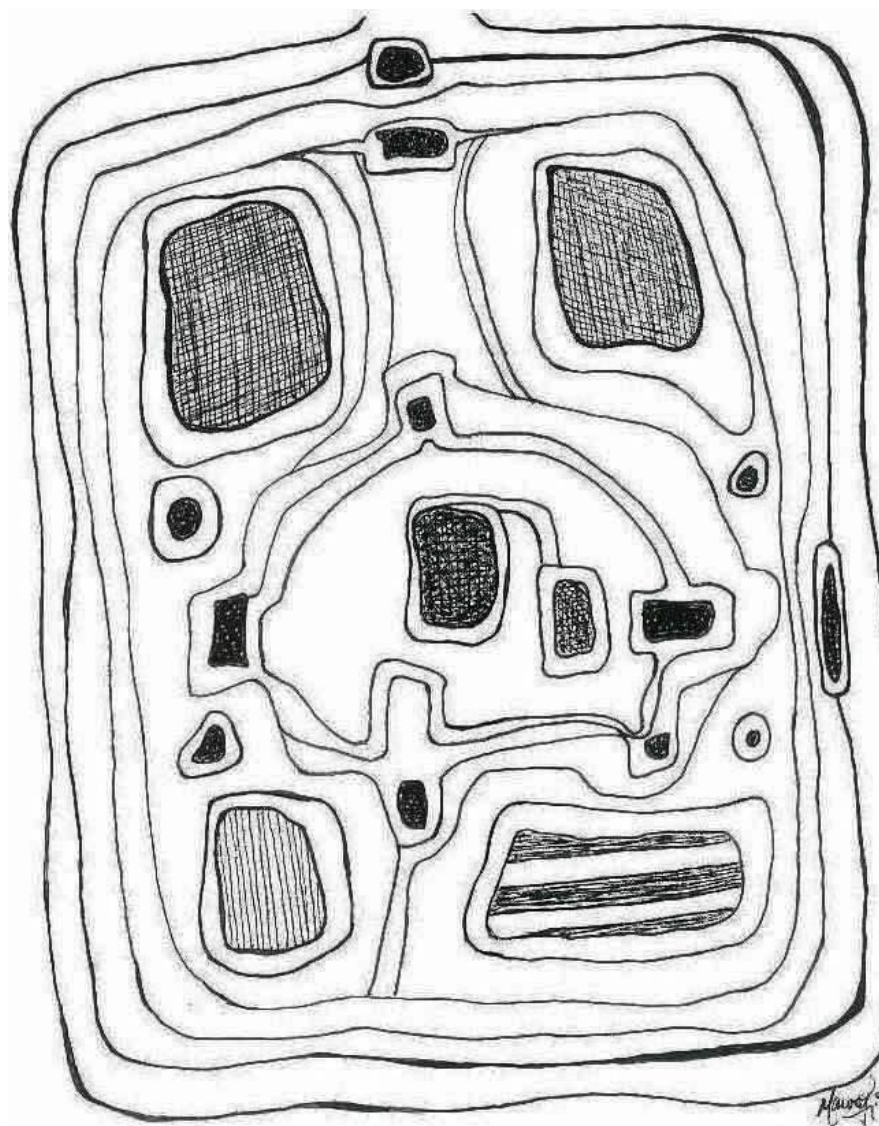
não consigo chamar de cicatriz
 e por mais que assopre
 a dor é não sentir

TERNO ROSA

apenas peço estradas distraídas
 tropeços tramelas
 tocar estrelas estrambólicas
 amarelas
 remá-las depressa
 ou até mesmo
 rimá-las longe do brilho
 transcrito nas estrias naquele
 transtorno extremo de entornar
 estrofes destrás
 dentre degredos dispostos
 a travestir traumas (in)versos
 é só então
 de terno rosa em verso e prosa
 retornar rei ao trono
 que nunca foi meu

[Todos os poemas são de *Sincericídios*]

***Geraldo Oliveira Neto** é mineiro, natural de Araxá. Teve seu primeiro livro *Escapismo* publicado pela Editora 7Letras em outubro de 2016. Seu novo livro *Sincericídios* será publicado em 2018 pela editora Patuá. Sua poesia é calcada no som das palavras, sobretudo nas repetições voluntárias, nas aliteraões & nos jogos de desmonte & remodelagem, parte do princípio básico, A Palavra, ou as Palavras.



MOEMA VILELA***UM AMIGO ESTÁ DIGITANDO UMA MENSAGEM**

Antônia, em ânsia,
se antecipa em
partir. Antes
recusar o pouco
que a ruína da conformação.
Antes a fome, a imaginação,
do que esta oferta de carne morta.
Mas se enfiada até o caroço no desejo de ficar,
cortar relações é emboscada
– às raias do amadorismo.
Como se possível fosse
morrer ao mundo
sem depois,
se atirando no poço
do elevador.
Fica, Antônia,
que todo fim vem
– naturalmente.
Não é preciso
ser impaciente.

[De *Quis dizer* e na antologia *Mulherio das Letras*]

NÃO NÃO ENCONTRÁ-LOS

chego ao prédio e me ocorre examinar
ali, aquele corredor vazio
antes do elevador
onde homens de uniforme depositam

em silêncio
compactos sítios arqueológicos
nas caixas de correio
entre livros por encomenda
disque-entrega de sanduíche

são cidades
templos
túmulos
dobrados até a espessura de folha

devo usar minha chave desta vez?
aquela pequena, no meio das outras
antes do barulho pesado da porta do elevador que me rapta
me leva para longe
é sempre bom chegar em casa

(e quanto aos sítios arqueológicos
é crime destruí-los
mas não não encontrá-los)

[De *Quis dizer*]

LA GARANTÍA

porque soy del paraguay
preguntam-me las leys del portunhol
quiem dera las houvesse
leys en la frontera e felicidad na civilization
gabaritos para a vida, non só no vestibular

onde há anos nos enganam, haciendo ultimos y primeros
 de berdá, pro que importa non hay modelo
 y tampoco hay palabras qui tragam la berdá
 si jo tivesse un pacto con el diablo
 intergalactiko y fronteiriço
 el rey real de la gran gramatica
 lo venderia
 por mijones y mijones de reales

[De

TURIYA AND RAMAKRISHNA

ele inspirou fundo, alongou o braço
 alongou o outro, ajeitou o calção
 dobrou os joelhos, esfregou as mãos
 de cima do banquinho esticou-se todo e mergulhou de ponta
 dentro do copo d'água no centro do palco

o palhaço nunca esquecerá desse show
 quando empurrou os pés no chão até
 o corpo se desaprender e lembrar o impossível
 ele se lembrou

[De

UM CONVITE

o novo Michelangelo é mesmo sensacional e também a transformação existencial e política sugerida nesta nova oferta de trabalho que deveria se chamar não trabalho mas presente extraordinário e tão bem remunerado com generosidades adicionais como a possibilidade de constante doação de roupas de inverno seguida da celebração de

estarmos vivos porém à pessoa que arde não faz sentido participar do que não seja o segredo da água, você não vai dizer

vamos pegar um cineminha, veja

os meus cabelos

estão pegando fogo

[De

CARAMELO

com os sapatos calçados

pela metade

Basquiat não entra

na lanchonete sem antes

bagunçar as promoções da tarde

no mural de calçada

ele recomenda fé e patinete

vende cãibras bem barato

faz as pessoas comerem bolas de cedo

em vez de caldo

e depois pede panquecas

para derramar na mesa o xarope

e com o cardápio nivelar a massa

onde escreverá com a colher

o rosto da futura namorada

a garçonete

conjurada do vir-a-ser

com os materiais à mão

xarope de panqueca

& olhos de revelação:
 mesmo as pessoas
 mais duras do que mesas
 se rearranjam
 – conhecem alguém, mudam
 de casa, de profissão, perdem
 a perna, ganham crianças
 – se tornam outras

[De

***Moema Vilela** é escritora e jornalista, doutora em Letras pela PUCRS. Autora de *Ter saudade era bom* (Dublinense, 2014), finalista do Açorianos de Literatura, *Guernica* (Edições Udumbara, 2017) e *Quis dizer* (Edições Udumbara, 2017). Publicou contos e poesias em antologias como *De tudo fica um pouco* (Dublinense, 2011), *Cobain* (2016), *Antologia Off-Flip 2016*, *A criação da memória* (Edipucrs, 2014), *Antologia Um* (Edipucrs, 2017), *Mulherio das Letras* (Costelas felinas, 2017), entre outras, e também em revistas e jornais digitais e impressos como a *Revista Escrita* (PUCRJ) o *Jornal Opção*, a *Revista Raimundo*, o fanzine *O Borrvalho*, entre outros. Graduada em Jornalismo (UFMS), mestre em Linguística e Semiótica (UFMS) e em Escrita Criativa (PUCRS). Ministrou cursos e oficinas de ensaio, poesia e conto em Campo Grande, Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas.



VASCO CAVALCANTE*

SOB SILÊNCIO - 4 POEMAS

no mais,
 ardo em brisas

 estanco estrelas

 perco trilhas

 aldeias, minhas ilhas

 enquanto,

um sopro rege a mansidão

luas, o verbo ancora

e cala o rio

a verve

serpenteia o peixe

o aço, a rede

no mais,

adormeço

o mundo vira

[De *Sob silêncio*]

não há rio sob meus pés,
espelhos de limo e areia

profundezas
apagam luzes,
estrelas

um eco a céu aberto
retém o limo nas retinas

nada me além
nada perdura

sou afeito às utopias

[De *Sob silêncio*]

sobre o silêncio, não há nada...
à luz de um poema, sob silêncio,

mu(n)do

[De *Sob silêncio*]

aos ventos,

sobre as cidades

moinhos
sob a pele

margens,
brisas

vãos de ruas
curvas, becos, praças

um rio de asfalto
asfixia a tarde,
entorpece o mundo

mudo, resplandeço

desfaço nuvens
novelos, vias

sobre a tarde

sobrevoando mundos

asfixiado(s)

[De *Sob silêncio*]

REVERSO DOS DIAS - 4 POEMAS

uma chave
espessa
cor de ouro
estanca as dores
do mundo

no espelho,
velas abertas
fremem ao fulgor
do Sol

no crepúsculo,
um ranger de asas
lambe a noite,
extraí do ventre
as feridas e se
esvai, num rompante
de dores, bálsamos,

orgasmos seriais

[De *Reverso dos dias*]

roço
a ponta da língua
na lâmina fina
do céu da tua boca

não há mais muro,
não há mais mundo

raso
fundo

[De *Reverso dos dias*]

tua palma,

inexatas linhas

vasos
bifurcam
no índigo
véu das
veias

sobre
as dunas

vago

nos desvios

pouso

arrefeço
sob teus anéis

[De *Reverso dos dias*]

uma palavra,
um cepo oco

invento
sob sua luz,
um presságio

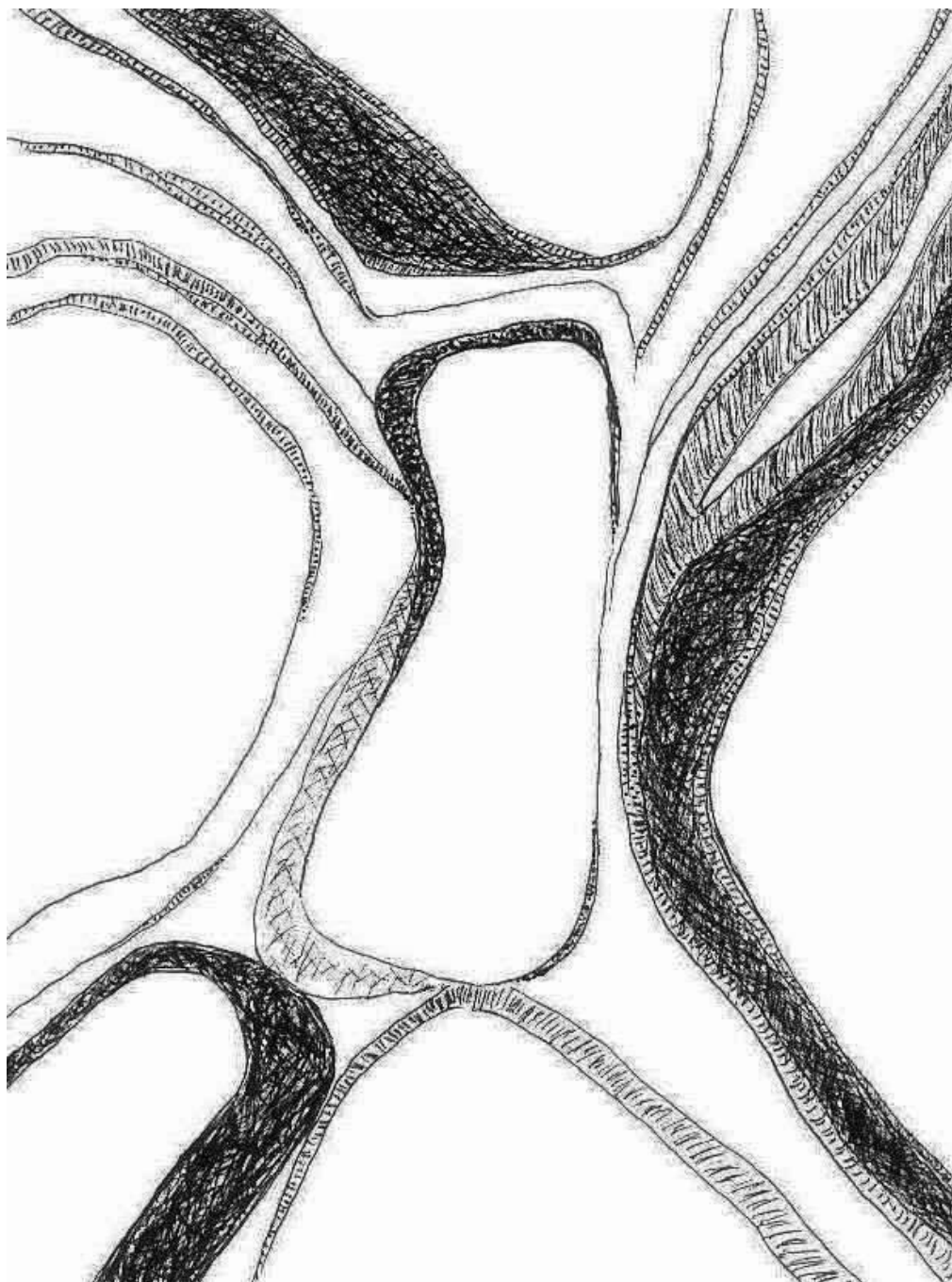
abstraio
seu cerne,
seu lúmen

cravo em
sua encosta

um poema

[De *Reverso dos dias*]

***Vasco Cavalcante**, paraense de Belém do Pará, foi um dos fundadores do grupo de poesia alternativa "Fundo de Gaveta", ativo de 1981 a 1983. Tem poemas publicados nas revistas virtuais "ZUNÁI", "Mallarmargens", "Escamandro", "Marinatambalo", "Literatura.br", "Poesia Avulsa", e em várias edições da revista literária "Polichinello". Em 2012 participou, com outros 12 poetas contemporâneos brasileiros, da plaquete de poemas "Desvio para o vermelho: treze poetas brasileiros contemporâneos", lançada pelo Centro Cultural de São Paulo. Em 2016, a convite da Fundação Cultural do Pará, participou da antologia *Impossível não te ofertar — poemas para Max Martins*, em homenagem ao poeta Max Martins. Tem dois livros de poesia publicados pela Editora Patuá, de São Paulo, *Sob Silêncio* (2015) e *Reverso dos dias* (2017).



ⁱ **Luci Collin**, curitibana, é ficcionista, poeta e tradutora. Tem 18 livros publicados entre os quais *Querer falar* (poesia, Finalista do Prémio Oceanos 2015), *A palavra algo* (poesia, Prémio Jabuti 2017), *Nossa Senhora D'Aqui* (romance, 2015), *A árvore todas* (contos, 2015) e *A peça intocada* (contos, 2017). É Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR.

E-mail: collinluci@gmail.com

ⁱⁱ **Mauro Scaramuzza Filho** é natural de Curitiba (Paraná). Estudou Ciências Biológicas, Artes Plásticas e Letras. Tem Doutorado em Literatura e Outras Linguagens pela Universidade Federal do Paraná (2017). Nas artes bidimensionais, expressa-se por meio do desenho e da pintura. A temática de suas obras concentra-se nas formas da Natureza.